

ECONOMIA

*por Robson Gonçalves
Coordenador de projetos da FGV Projetos*

*e Andrea de Paiva
Especialista da FGV Projetos*



12 DE JUNHO DE 2015

SMART CITIES SÓ SÃO POSSÍVEIS COM SMARTER CITIZENS

A utilização da tecnologia da informação para melhorar a qualidade e a gestão das cidades tem se tornado cada vez mais comum. E, como consequência da intensificação desse uso, surge o termo smart city, aplicado em cidades que investem no uso da TI para melhorar desde a infraestrutura e o desenvolvimento econômico até os níveis de sustentabilidade, a qualidade de vida de seus habitantes e a experiência dos visitantes.

Outra característica fundamental de uma smart city é a comunicação e a participação do cidadão. Os dados gerados pelo governo são compartilhados com a população por meio de plataformas digitais, com amplas possibilidades para o cidadão participar da gestão de sua cidade e ajudar a

implementá-la. Um exemplo é a iniciativa da Unicef no Rio de Janeiro, que estimula adolescentes a tirar fotos e mapear os problemas da região em que vivem – tais como lixo acumulado e água parada, que podem ser foco de dengue –, facilitando, assim, o monitoramento e mapeamento desses problemas pela administração pública.

Esses e outros exemplos do uso da TI em rede deixam claro que a alma de uma smart city é o cidadão e seu papel ativo, colaborativo e com claro sentimento de coletividade. Mas, em muitos casos, não é essa a compreensão que se tem do conceito. Muitos pensam nas facilidades geradas pela TI para os usuários dos serviços típicos de uma smart city. No entanto, o sucesso das iniciativas ligadas ao conceito será tanto maior quanto mais socialmente engajados e “inteligentes” (smarter) forem as pessoas que convivem nessas cidades, moradores e visitantes.

Mas, um dos aspectos mais tangíveis de uma autêntica smart city encontra-se na dimensão econômica. O melhor funcionamento dos serviços públicos já serve como ponto de partida para menores gastos e mais eficiência, mas uma smart city vai muito além disso. A TI possibilita que governo, empresas, cidadãos e turistas se aproximem e troquem informações. Por conta disso, o volume de informações, percepções e críticas permite ordenar melhor as iniciativas privadas e públicas que beneficiem a cidade. Do mesmo modo, os impactos e potenciais benefícios dessas iniciativas podem ser avaliados com rigor e de modo rápido e barato. Em Nova York, por exemplo, as pessoas que estejam em determinada área da cidade podem ser avisadas por meio de seus smart phones sobre a possibilidade de chuvas fortes e inundações. Do mesmo modo, a qualidade da organização ou da segurança de um evento em um local público pode ser avaliada de forma quase instantânea por meio de simples respostas a mensagens de texto em seus celulares. As possibilidades de se evitar prejuízos, desperdícios e adotar ações corretivas são imensas. Mas, uma vez mais, dependem da utilização ativa e colaborativa das pessoas envolvidas.

Além disso, smart cities são bastante atrativas para o turismo, atividade com claros impactos de interesse econômico. A facilidade em utilizar o transporte público, o acesso à internet wifi livre em pontos estratégicos como praças e restaurantes, à programação de eventos culturais, a mapas com localização de hotéis, restaurantes e pontos turísticos e, até mesmo, as avaliações do público, dão mais segurança aos turistas e os estimulam a explorar as cidades de uma forma que, sem o auxílio da TI, não seria possível. Nesse sentido, é possível dizer que a qualidade dos serviços públicos pode simplesmente não ser aproveitada em todo o seu potencial quando a informação não está facilmente acessível. E isso é especialmente impactante para o turista, sobretudo o estrangeiro.

O aplicativo Getaround, que surgiu em São Francisco, na Califórnia, é um exemplo de sucesso de como uma iniciativa de cidadãos, com o auxílio da TI, pode mudar a rotina de uma cidade. Esse aplicativo foi criado para compartilhamento de carros, permitindo que as pessoas aluguem seus carros para outros cidadãos por curtos períodos de tempo. Também já são muito comuns aplicativos de carona como o BlaBla Car. Através desse aplicativo motoristas oferecem carona com o benefício de dividir os gastos de viagens de longa distância. Em Amsterdã, a associação Amsterdam Smart City (ASC), uma parceria entre governo, empresas e cidadãos, criou um programa de gestão inteligente de tráfego que ajudou a reduzir em 10% as horas perdidas no trânsito.

Também são muitas as iniciativas relacionadas à geração de energia elétrica. Apesar de mais sustentável, a energia solar está mais sujeita a sofrer flutuações. Portanto, surge a necessidade de estimular a geração individual de energia. Na Alemanha existe um projeto-piloto que estimula cada casa a gerar um pouco de sua própria energia. Assim, quando o sistema de distribuição de energia necessitar, as residências com geração extra de energia podem ajudar a equilibrar o sistema novamente. Além disso, baterias são instaladas nas casas, possibilitando o reaproveitamento da energia gerada em excesso.

Não existe um padrão rígido de soluções para que uma cidade se torne smart. Isso porque cada cidade tem sua “personalidade”, seus problemas e sua história, seja por conta do clima, cultura, população ou tamanho. Todo esse conjunto de elementos sociais, geográficos e culturais faz com que cada cidade seja única. Portanto, para uma cidade ser smart, apesar de ter que desenvolver melhor sua infraestrutura de forma geral, ela precisa descobrir quais seus pontos mais fracos e, com criatividade e inteligência, encontrar soluções que se apliquem a cada um deles.

O importante é que o resultado final seja uma cidade em que morar, trabalhar, divertir-se ou simplesmente passear sejam atividades prazerosas. E que a cidade também gere lucros e seja sustentável, possibilitando qualidade de vida hoje e para as futuras gerações.

Para tudo isso, a tecnologia é o corpo, mas a cidadania e o sentimento de coletividade e pluralidade são a alma de uma verdadeira smart city.